

**RELATO DE EXPERIÊNCIA:
ENSINO DO LÉXICO AFRO-BRASILEIRO
NA ESCOLA MUNICIPAL IRENE ANDRADE DE ASSIS,
EM ALAGOINHAS, BAHIA**

Ester Paixão dos Santos (UNEB)

estersp21@hotmail.com

Lise Mary Arruda Dourado (UNEB)

lisearruda@gmail.com

RESUMO

Neste artigo, tem-se o objetivo de relatar a experiência do ensino de palavras de origem africana presentes na língua portuguesa a estudantes da turma do nono ano do ensino fundamental II na Escola Municipal Irene Andrade de Assis, localizada em Alagoinhas (BA). Tal experiência deu-se na oficina intitulada *Léxico Afro-Brasileiro em Produções Orais e Escritas*, desenvolvida como avaliação parcial do componente curricular estágio supervisionado II, no curso de letras da Universidade do Estado da Bahia, *Campus II*, no mesmo município. Na oficina, objetivou-se promover aos estudantes, de faixa etária entre 15 e 16 anos, a percepção e a compreensão do léxico afro-brasileiro nos seus falares cotidianos como elemento constitutivo de sua identidade cultural, bem como a presença desse léxico em textos diversos. O interesse por esta temática surgiu por perceber que, apesar de a maior parte dos estudantes ser afrodescendente, os sujeitos desconhecem as importantes contribuições africanas nos aspectos linguísticos e culturais do Brasil. Foram utilizadas diversas estratégias para destacar a presença de lexias afro-brasileiras no contexto contemporâneo de Alagoinhas: a produção de textos orais e escritos, a busca pelas definições de lexias (contextualizadas) em dicionários, a leitura de mitos africanos, a escuta de cantigas afro-brasileiras etc. O projeto da oficina fundamenta-se Renato Mendonça (1935), Yeda Pessoa de Castro (2001), Tania Alkmin e Margarida Petter (2009), Lise Mary Arruda Dourado (2014), Maria da Graça Krieger (2012) e Irlandé Antunes (2012), entre outros. Como resultado, percebeu-se que a experiência de ensino-aprendizagem relatada viabilizou um estudo eficiente do léxico afro-brasileiro e contribuiu para a percepção e ampliação desse léxico no desenvolvimento da leitura e da produção de textos orais e escritos.

Palavras-chave: Léxico afro-brasileiro. Ensino-aprendizagem. Aquisição lexical.

1. Considerações iniciais

Neste artigo, temos o objetivo de relatar a experiência de ensino de palavras de origem africana presentes na língua portuguesa a estudantes da turma do nono ano do ensino fundamental II na escola municipal Irene Andrade de Assis, localizada em Alagoinhas (BA). Este trabalho se justifica pela emergente necessidade de pensar sobre o ensino do léxico

afro-brasileiro e compartilhar ações desenvolvidas, sem a pretensão de criar uma receita de como fazê-lo, nem de esgotar o assunto.

Antes de iniciar o relato de experiência propriamente dito, o qual será disposto na terceira seção deste texto, consideramos necessárias: a) uma breve retomada do fio dessa história, trazendo informações básicas sobre a experiência que nos propusemos vivenciar; b) as principais questões que nos inquietaram e motivaram durante todo o processo de criação, execução e avaliação, desde que optamos por planejar a oficina Léxico Afro-Brasileiro em Produções Orais e Escritas, ofertada a esses estudantes, até o momento em que decidimos produzir este artigo. Essa oficina foi desenvolvida como avaliação parcial do componente curricular estágio supervisionado II, no curso de letras da Universidade do Estado da Bahia, *Campus II*, no mesmo município.

Narramos em primeira pessoa do plural, pois tudo o que aqui será relatado é fruto de ações pensadas e executadas por duas estudantes da graduação em Letras, Ester Paixão dos Santos e Genicélia de Souza Ribeiro, autoras do *Portfólio de Estágio Supervisionado II: Oficina Léxico Afro-Brasileiro em Produções Orais e Escritas* (SANTOS & RIBEIRO, 2016), e pela Profa. Dra. Lise Mary Arruda Dourado, responsável pela orientação e supervisão das estagiárias.

O projeto da oficina foi fundamentado em obras acerca das temáticas: ensino do léxico, como Irandé Antunes (2012) e Maria da Graça Krieger (2012); léxico afro-brasileiro, tais como Renato Mendonça (1935), Yeda Pessoa de Castro (2001), Nei Lopes (2003), Tania Alkmin e Margarida Petter (2009); ensino-aprendizagem do léxico afro-brasileiro, como Lise Mary Arruda Dourado (2014a; 2014b); os dispositivos legais sobre currículo: Brasil (1996; 2000; 2005), entre outros. Dentre as leituras sugeridas no componente estágio supervisionado II, Maria da Conceição Passeggi (2008) e Áurea da Silva Pereira (2013) foram muito úteis à elaboração tanto do portfólio quanto deste relato de experiência, esclarecendo-nos que os registros das nossas histórias de formação como futuras professoras de língua portuguesa são dispositivos que potencializam o nosso fazer pedagógico. Narrar e compartilhar nossas experiências é fazer ecoar as nossas ações, possibilitando-nos analisar, vislumbrar acertos e erros, reconstruir nossa trajetória de estudantes/professoras de letras.

Na oficina, objetivamos promover aos estudantes, de faixa etária entre 15 e 16 anos – em maioria, negros – a percepção e a compreensão

do léxico afro-brasileiro nos seus falares cotidianos como elemento constitutivo de sua identidade cultural, bem como a presença desse léxico em textos diversos. O interesse por esta temática surgiu após ser apresentado à nossa turma o projeto de autoria de Lise Mary Arruda Dourado (2014b), *Xirê de Palavras: Círculo de Vivências com Palavras de Origem Africana Orientadas pela Contaço de Mitos Afro-Brasileiros em Espaços de letramento de Alagoinhas*. Percebemos que, apesar de a maior parte dos estudantes da educação básica no Brasil – sobretudo, na Bahia – ser afrodescendente, os sujeitos desconhecem as importantes contribuições africanas nos aspectos linguísticos e culturais deste país.

2. Inquietude e motivação: o apagamento histórico de um léxico

Inquieta-nos saber que somos afrodescendentes e pouco conhecemos sobre as palavras de origem africana que compõem a língua portuguesa falada no Brasil. Vários fatores nos motivam: a) a oportunidade de aprender para ensinar; b) a possibilidade de contribuir para mudar essa história, ainda que o nosso contributo seja pequeno; c) a chance de produzir e divulgar os resultados do que construímos.

Voltemos ao que nos inquieta... Graças à formação do povo brasileiro, pautada na miscigenação, sobretudo, de brancos, índios e negros, a língua portuguesa falada no Brasil recebeu inúmeras contribuições de línguas indígenas e africanas. Apesar disso, as escolas deste país continuam privilegiando o ensino da língua portuguesa em sua variedade padrão (existente apenas na escrita), muitas vezes, ignorando, mascarando ou invisibilizando as heranças linguísticas (entre elas, o léxico) dos povos colonizados. Nesse sentido, o educador Paulo Freire enfatizou que a história do Brasil é caracterizada por não reconhecer os indígenas, os negros, os pobres, os camponeses, os quilombolas, os ribeirinhos e os favelados como sujeitos humanos. (FREIRE, 1974)

As línguas indígenas, ainda que de maneira insipiente, ainda gozam de algum *status* no estudo da língua portuguesa, certamente, pela grande incidência de topônimos de origem indígena, e pela presença dessas línguas – sobretudo o tupi – em textos catequéticos quinhentistas (sermões, cartas etc.) e outros documentos históricos. Os estudos e pesquisas sobre essas línguas se limitam, quase sempre, aos espaços da academia ou das próprias comunidades indígenas, quando há educadores envolvidos em políticas de preservação cultural junto às escolas que atendem essas comunidades. E mesmo na academia, é histórico o me-

nosprezo dos gramáticos em relação às línguas indígenas e africanas, conforme constatou Renato Mendonça:

Foi tentação de que poucos estudiosos se livraram, alargar a influência tupi e buscar nesta fonte as origens de palavras mais ou menos obscuras. Sabem todos o caso de Batista Caetano que deu sempre “carapuça” como tupi até o dia em que alguém lhe mostrou esta palavra na carta de Pero Vaz Caminha. Eis a razão por que às vezes sucede o mesmo com as palavras africanas, sempre maltratadas pelos nossos gramáticos que, em relação a elas, laboram em confusão estonteante [...]. (MENDONÇA, 1935, p. 15)

Conforme Lise Mary Arruda Dourado (2014b), considerando as características e configurações culturais da comunidade escolar local, a condução do ensino-aprendizagem do léxico afro-brasileiro é um dos caminhos possíveis para suplantar a supremacia das ideologias de recalque e denegação cultural, marcadas pelo ensino vernáculo predominante na maioria das escolas brasileiras, nas quais as palavras de origem africana permanecem silenciadas.

Para tanto, utilizamos diversas estratégias, a fim de destacar a presença de lexias afro-brasileiras no contexto contemporâneo de Alagoíneas: a produção de textos orais e escritos; a busca pelas definições de lexias (contextualizadas) em dicionários; a leitura de mitos africanos; a escuta de cantigas afro-brasileiras; entre outras. Com tais ações, acreditamos contribuir para a ampliação do léxico desses estudantes, visto que um conhecimento lexical vasto, apreendido por meio de acesso a textos diversos, também oportunizará o exercício das competências oralidade, leitura e escrita. Nesse sentido, Irlandé Antunes chama atenção para a emergência de entender que

[...] para conseguirmos a tão apregoada competência em falar, ler, compreender e escrever, é necessário conhecer, ampliar e explorar o território das palavras, tão bem ou melhor do que o território da gramática. Os saberes sobre a gramática da língua já os temos “internalizados” desde tenra idade. O que nunca deixa de estar sob exigências permanentes de atualização são as demandas sociais por um conhecimento lexical mais vasto, mais diversificado, capaz de cobrir as particularidades de contextos em que acontecem nossas atuações verbais. (ANTUNES, 2012, p. 14)

Na seção a seguir, de maneira breve, disponibilizamos o perfil dos estudantes, caracterizamos o *locus* onde foi realizada a oficina, e relatamos as nossas experiências, as quais foram ordenadas cronologicamente, conforme as datas em que ocorreram as vivências de ensino-aprendizagem de palavras de origem africana.

3. *Aprendendo e ensinando o léxico afro-brasileiro*

Antes de ofertarmos a oficina, realizamos a atividade de observação de aulas de língua portuguesa no Colégio Irene Andrade de Assis, situado na travessa Dantas Bião, Centro, Alagoinhas (BA), em uma turma do nono ano do ensino fundamental II, composta por aproximadamente 35 estudantes, de faixa etária entre 15 e 16 anos, em maioria, negros. Por uma questão ética, optamos por não divulgar o nome do professor regente responsável pela turma. Cumprimos, nessa turma, a carga horária de, aproximadamente, 5 horas semanais, estas foram distribuídas em duas aulas na quarta-feira, duas na quinta-feira e uma na sexta-feira. O professor regente, assim como os demais professores da escola, realiza o planejamento por unidade, e, semanalmente, todos os professores possuem um momento reservado, chamado AC, para preparar as aulas. O estágio foi iniciado em vinte e sete de abril de 2016 e concluído em dezoito de maio desse mesmo ano.

O Colégio Irene Andrade de Assis, *locus* da experiência relatada, tem as seguintes características: dez salas de aula distribuídas para estudantes do ensino Fundamental I e II; sala de diretoria; sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE); sala de professores; secretaria; sala de vídeo; oito banheiros, porém um adequado a alunos com deficiência, uma sala de informática; biblioteca; dois pátios; cozinha e uma quadra poliesportiva. Para atender o ensino fundamental em turnos diurnos, a escola possui 24 docentes, dos quais 5 são de língua portuguesa, a instituição também possui 6 funcionários de apoio (porteiro, merendeira e servente). Consideramos adequadas as condições físicas da instituição para atender o corpo discente. Ressaltamos, no entanto, a necessidade de maior investimento na biblioteca, no intuito de ampliar o seu acervo bibliográfico, sobretudo, adquirindo mais livros de temáticas africanas e afro-brasileiras.

A seguir, relatamos brevemente cada aula, apontando as principais estratégias de ensino das palavras de origem africana, bem como as nossas impressões sobre a receptividade e a interação dos estudantes mediante as ações pedagógicas vivenciadas. Acreditamos que a importância de compartilhar nossas experiências de estágio, por meio de relato em artigo, esteja na possibilidade de engendrar e divulgar os saberes, os teóricos e as práticas que sustentam a nossa inicial atuação em sala de aula.

Muito disso foi resultado do que propôs Áurea da Silva Pereira (2013), ao tratar da importância da descrição das aulas e reflexão dos es-

tagiários, professores em formação: “Como o estudante de Letras organiza e pensa seu fazer pedagógico? Que reflexões são construídas durante o estágio? Que imagens vão construindo de suas aulas? Que aprendizagens são construídas no estágio?” (PEREIRA, 2013, p.182). Neste artigo, então, rascunhamos as primeiras impressões que tivemos das nossas ações docentes como professoras de Língua Portuguesa atentas ao ensino de uma língua que foi formada a partir do contato entre sujeitos portugueses, índios e africanos. Mais especificamente, na oficina desenvolvida, dedicamo-nos ao ensino do léxico de origem africana.

Optamos por resguardar os nomes dos discentes, identificando-os por um código criado a partir da sequência em que ocorreu a participação de cada um deles: E1 (primeiro estudante a interagir); E2 (segundo); E3 (terceiro); e assim sucessivamente. No caso de produções coletivas, os textos foram identificados com os nomes das equipes.

3.1. Aula em 27/04/2016

No primeiro dia de estágio, inicialmente, apresentamos à turma a temática da oficina e, posteriormente, explanamos os objetivos da mesma. Explicamos o conceito de léxico e a sua relação com a cultura dos seus falantes.

Em sequência, foi realizada uma diagnose oralmente, a fim de identificar quais conhecimentos prévios os alunos tinham sobre a cultura afro-brasileira. Na diagnose, uma das perguntas foi a seguinte: O que você conhece sobre cultura afro-brasileira? A maioria dos estudantes imediatamente citou nomes de iguarias da culinária afro-baiana: *acarajé*, *abará*, *caruru* e *vatapá*. Além da culinária, eles falaram da *capoeira* e da religião *Candomblé*. Sendo que, a todo instante, mostraram-se indiferentes sobre a abrangência e a importância das contribuições das línguas africanas no português brasileiro.

Lançamos outra pergunta: Vocês estudam ou já estudaram sobre o léxico afro-brasileiro? Os discentes se mostraram surpresos e nos responderam que só tinham ouvido falar da miséria dos negros e que nunca lhes ensinaram sobre palavras de origem africana.

A partir da análise das respostas desses estudantes, fizemos uma pequena introdução sobre a importância das palavras africanas na formação do português brasileiro, e como esses falares estão presentes na nossa língua corrente.

Porém, para exemplificar a presença de falares africanos no português do Brasil, realizamos a escuta de uma cantiga popular brasileira, intitulada *Escravos de Jó*:

Escravos de Jó
Jogavam caxangá
Tira, bota, deixa o zambelê ficar
Guerreiros com guerreiros
Fazem zigue zigue zá
Guerreiros com guerreiros
Fazem zigue zigue zá

(CANCIONEIRO POPULAR BRASILEIRO)

Ao terminar a escuta, direcionamos os educandos a observar a letra da canção, principalmente, das lexias “Jó”, “caxangá” e “zambelê”. Um estudante perguntou-nos qual era a definição de “caxangá”. Passamos, então, para o sentido das lexias. Entretanto, em relação à lexia “Jó”, muitos a relacionaram ao personagem bíblico do Antigo Testamento que foi posto à prova por Deus e perdeu tudo o que tinha, exceto a fé. Tal relação com o personagem bíblico se deve tanto à propagação de conhecimentos religiosos cristãos (graças à colonização do nosso país por portugueses cristãos, e o contínuo processo de catequização dos colonizados), quanto ao processo de invisibilização das contribuições das línguas africanas no idioma português falado no Brasil.

Dividimos a turma em equipes, para facilitar as discussões sobre o assunto. Decidimos nomear as equipes em homenagem às principais línguas africanas que contribuíram na formação da língua portuguesa do Brasil: quimbundo, quicongo, umbundo e iorubá.

Solicitamos a todas as equipes uma produção de texto sobre a temática da aula. Todos discutiram e, posteriormente, elaboraram textos. Entre as produções, chamou-nos atenção uma poesia:

Nossa língua portuguesa
É uma mistura interessante
Vem de povos bem diversos
E dão palavras diferentes
Os falares africanos
influenciaram várias palavras
Coisas que nos ensinaram
As nossas estagiarias.

(Equipe Yorubá)

3.2. Aula em 28/04/2016

Inicialmente, nessa aula, relembramos aos alunos a noção de léxico explicada na aula anterior. Enfatizamos que léxico é o conjunto de palavras pertencentes a uma determinada língua de um povo, principalmente, da fala corrente desse povo. Ao adentrarmos nesse assunto, ressaltamos que a língua portuguesa no Brasil foi influenciada por outras línguas, por meio de empréstimos linguísticos de outros idiomas, dos quais destacamos as línguas africanas do tronco banto (quicongo, quimbundo e umbundo) e da língua iorubá. Eles disseram que, mediante a nomeação das equipes, dificilmente esqueceriam os nomes dessas línguas africanas dali em diante. Considerando essa declaração, decidimos manter essas nomeações de equipes até o último dia da oficina.

Sobre as contribuições das línguas africanas no português do Brasil, citando vários trechos de Yeda Pessoa de Castro (2001), explicamos superficialmente como as lexias foram inseridas ao nosso idioma (processos de hibridismo, decalque etc.). Os estudantes não apresentaram dificuldade em compreender esses processos.

Logo após a explicação, citamos algumas palavras de origem africana, também coletadas de Yeda Pessoa de Castro (2001): “babá”, “bagança”, “balangandã”, “cachaça”, “caçula”, “cafuné”, “camundongo”, “canjica”, “canga”, “capanga”, “capenga”, “capoeira”, “cochilo”, “dengo”, “encabulado”, “fubá”, “fungar”, “fuxico”, “fuzarca”, “lengalenga”, “marimbondo”, “minhoca”, “mochila”, “mocotó”, “molambo”, “moleque”, “moranga”, “moringa”, “quitanda”, “quitute”, “samba”, “sunga”, “tanga”, “tipoiá”, “xingar”, “zangar”, “zonzo”, “zunzunzum”, “xodó” etc.

Na fisionomia dos estudantes, percebemos o espanto geral. Eles demonstraram reconhecer que essas lexias fazem parte dos seus falares, porém, desconheciam a sua origem. A maioria dessas lexias encontramos nos dicionários de língua, mas nem sempre há informações sobre a sua origem, e nem os professores têm o conhecimento de que essas palavras têm origem africana. Os estudantes, então, não são informados a esse respeito. Vale lembrar que Maria da Graça Krieger define dicionário de língua como “a mais prototípica das obras lexicográficas, que funciona como instância de representação e de legitimação das palavras de uma língua”. (KRIEGER, 2011, p. 73)

Na sequência, falamos dos povos bantos e sudaneses que aportaram aqui no Brasil. Com a ajuda de um mapa, apontamos em quais regi-

ões do continente africano eles viviam e em que períodos aqui chegaram. Ressaltamos que as línguas do tronco banto chegaram muito antes e, por isso, contribuíram muito mais na formação do português brasileiro. A língua iorubá veio depois e, em linhas gerais, podemos dizer que a sua preservação se deu, sobretudo, dentro dos terreiros de candomblé.

No segundo momento da aula, levamos os discentes à sala de vídeo, a fim de que eles escutassem duas músicas – *Oro mi maió* e *Raça negra* – e, a partir da escuta, percebessem a presença de lexias africanas e afro-brasileiras nas letras dessas músicas, considerando o contexto em que estão inseridas. A recepção das músicas foi positiva, principalmente, da cantiga *Oro mi maió*³³²:

Quando eu era criança
Minha mãe cantava pra mim
Uma canção em iorubá
Cantava pra eu dormir
Uma canção muito linda
Que o seu pai lhe ensinou
Trazida da escravidão
E cantada por seu avô
Era assim

Oro mi má
Oro mi maió
Oro mi maió
Yabado oyeyeo
Oro mi má
Oro mi maió
Oro mi maió
Yabado oyeyeo

Essa canção muito antiga
Do tempo da escravidão
Os negros em sofrimento
Cantavam e alegravam o seu coração
Presos naquelas senzalas
Dançando ijexá
Aquele canção muito linda
Com os versos em iorubá
Era assim

Cantava quando era criança
Fiquei, eu não me esqueci
Aquele canção em iorubá

³³² *Oro mi maió* (Canto para Oxum). Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/bantos-iguape/canto-para-oxum-oro-mi-maio.html#ixzz475Sk6W5x>>. Acesso em: 27-04-2016.

Que não sai de dentro de mim
É assim

E Deus é o mar
Deus é o maior
Deus é o maior
Me ajudou a vencer
E Deus é o mar
Deus é o maior
Deus é o maior
Me ajudou a vencer

Solicitamos-lhes que, nas letras das cantigas, identificassem os vocábulos que supostamente eles achavam que fossem de origem africana. Trouxemos a definição das lexias desconhecidas pelos estudantes, a exemplo de “ijexá”, que, no contexto, significa “toque para Oxum” (CASTRO, 2001, p. 250), ou seja, uma música tocada em atabaque para o orixá Oxum, deusa das águas. Para o primeiro refrão em iorubá (destacado em negrito), há um segundo, em português, que “traduz” (grosso modo) o primeiro. Então a água é o próprio Deus e ajuda as pessoas a vencer.

Durante a aula, um estudante teceu uma observação sobre a letra da música *Oro mi maió*: “Professoras, como as pessoas são preconceituosas! Quem escuta essa música sem saber o significado diria logo que era do diabo, mas as palavras em iorubá têm um sentido tão simples, mas infelizmente tudo que se dirige ao negro foi tido como ruim”. (E1)

A partir desse comentário, fizemos outra reflexão pautada no que defende a etnolinguista Yeda Pessoa de Castro: “Existe uma tendência no Brasil em calar, silenciar os negros que foram trazidos para cá em escravidão [...]. Existe outra tendência de não acreditar que o Brasil africanizou o português de Camões”.³³³

Também comentamos sobre a forte tendência de o nosso país supervalorizar culturas europeias e tentar silenciar outras culturas, sobretudo, as dos povos negros. Na finalização da aula, distribuímos novamente o diário de bordo para as equipes. Nos textos, os estudantes reconheceram que muitas lexias de origem africana fazem parte do seu cotidiano e, ao mesmo tempo, afirmaram que as mesmas fazem parte do seu repertório lexical, conforme podemos observar no depoimento a seguir:

³³³ Trecho transcrito de uma entrevista concedida ao programa “Perfil & Opinião”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=72dZyAHC-U0>>. Acessado em: 18 de maio de 2016.

Hoje, aprendemos algo muito interessante. Falamos sobre as lexias afro-brasileiras. Também descobrimos que alguns países africanos falam o português, assim como nós falamos. Vimos nessa aula que muitas palavras que utilizamos no nosso cotidiano têm origem afro. Aprendemos também músicas interessantes. (Equipe Yorubá)

3.3. Aula em 29/04/2016

Nesse dia, distribuímos para os discentes o texto *Fuzuê do Camundongo*³³⁴. Assim, no primeiro momento, os estudantes fizeram a leitura individualmente e, logo após, uma leitura coletiva. Comentamos um pouco sobre o texto, no intuito de dirigir a atenção deles para as lexias de origem africana presentes no texto:

Ontem, cheguei a meu *ilê* um tanto *borocoxô*, com aquela vontade de que mamãe me fizesse um *cafuné*, mas, infelizmente, não pude tê-lo, porque estava em seu *cafofo*, completamente assustada por ter visto, embaixo de sua cama, um *camundongo* muito do esperto e ágil. Vocês nem imaginam o que havia acontecido: foi um *banzé* daqueles, o maior *fuzuê*. Mamãe gritava muito e todos que passavam pela rua ouviam todo o *auê* em nosso *ilê*. Ela, com medo, arremessava *trecos* e *cacarecos* sobre o bichinho inofensivo, que só estava ali pra comer os restinhos e migalhas de comida na *caçamba* do passarinho que estava sobre o parapeito da janela. Quando, finalmente, consegui abrir a porta do *cafofo*, mamãe havia tido um *chilique*. O lugar parecia um *mafúá*. O *camundongo*, quando me viu, escapou *capenga* por debaixo da porta. Coitado do bichinho! Ele tinha sido atingido por uma estatueta feita da madeira do *baobá*. Olhei pela janela e vi que os vizinhos estavam *fuxicando* e fazendo o maior *furdunço* sobre o *lelelê* que tinha se passado lá em nosso *ilê*, todo esse *estardalhaço* só por causa de um animal *catita*. (ALMEIDA, 2010)

Na sequência, foi solicitado à turma que, inicialmente, sem uso de dicionário, identificasse os significados das palavras de origem africana.

Ao final da atividade proposta, os alunos identificaram a maioria dos significados das palavras, já que muitas faziam parte do repertório lexical deles. Porém, houve certa dificuldade na compreensão dos significados de alguns vocábulos, cujas definições não correspondiam às do contexto, a exemplo de “caçamba”. Para eles, o termo se referia a um modelo de automóvel de grande porte.

³³⁴ De Mayara Almeida *et al.* (2010). Texto utilizado para o ensino de palavras de origem africana na Escola Eugênia Anna dos Santos, vinculada ao Ilê Axé Opô Afonjá, terreiro de candomblé de tradição queto, liderado por Mãe Stella de Oxóssi, também membro da Academia de Letras da Bahia.

No segundo momento, distribuímos para os alunos obras de referência (CASTRO, 2001; LOPES, 2003), contendo as palavras de origem africana, a fim de que os alunos identificassem o significado das mesmas. Por exemplo, sobre “caçamba”, eles observaram que significa “qualquer balde” (CASTRO, 2001, p. 185), ou “balde preso por uma corda” (LOPES, 2003, p. 50), ou seja, considerando o contexto, um recipiente de guardar a comida do passarinho.

Ao final dessa aula, muitos discentes perceberam que a maioria das lexias de origem africana (que eles até concebiam como oriundas do português europeu) era parte dos seus falares diários. Sendo assim, é necessário reafirmarmos que, apesar das tentativas de exclusão e silenciamento das contribuições africanas no Brasil, elas permanecem vivas, sobretudo, por meio da língua. E sabendo que, na língua, estabelece-se uma relação ínfima entre cultura e identidade, o “não ensinar” a origem desses vocábulos a esses estudantes é negar-lhes a própria identidade. Nesse sentido, Lise Mary Arruda Dourado aponta:

O léxico de um povo reflete, em si, a cultura deste e, por conseguinte, torna-se peça fundamental para a construção identitária desse mesmo povo. Fazer com que o vocabulário dos estudantes seja ampliado, que eles conheçam palavras oriundas dos principais grupos etnolinguísticos que compuseram o povo brasileiro e que os remetam à sua cultura é uma forma de lhes proporcionar a construção das suas identidades. (DOURADO, 2014, p. 65)

A autora ainda ressalta que, na maioria das salas de aula brasileiras, há o descompromisso de ensinar palavras herdadas dos povos aqui colonizados, as quais compõem o português falado aqui no Brasil. É emergencial, então, proporcionar aos estudantes o conhecimento das lexias de origem africana, a fim de contribuir para a construção identitária desses sujeitos.

O uso de obras de referência (dicionários, vocabulários etc.) específicas sobre palavras de origem africana é imprescindível ao ensino da língua portuguesa no Brasil. Nesse sentido, Maria Luiza Coroa defende:

Livros didáticos, dicionários e outros materiais que dão suporte às atividades didático-pedagógicas trazem para a sala de aula diálogos com a história, com a diversidade social, com instituições nacionais e com experiências pessoais. Assim utilizado em sala de aula, o dicionário permite o acesso ao “poder da palavra” e corresponde à sua função nas práticas sociais. (COROA, 2011, p. 72)

É de fundamental importância propiciar aos discentes um estudo que lhes permita conhecer elementos culturais, como é o caso das pala-

bras de origem africana. O léxico afro-brasileiro está em nosso cotidiano, compoendo a nossa língua, a nossa história, a nossa identidade.

Encerramos os trabalhos desse dia com a certeza de que as nossas experiências no estágio estavam trilhando um caminho rumo ao conhecimento sobre nós mesmas, sobre a nossa língua e identidade. Nós, estagiárias, professoras em formação, percebemos o quanto podemos contribuir para a formação de cidadãos leitores e produtores de textos conscientes das redes de significações, e capazes de se constituir e se identificar como sujeitos falantes de uma língua portuguesa do Brasil.

3.4. Aula em 04/05/2016

Nesse dia, levamos os estudantes à sala de vídeo. Inicialmente, fizemos uma retrospectiva das aulas anteriores, com o objetivo de extrair as impressões que eles passaram a ter sobre as contribuições culturais e identitárias dos povos africanos. Muitos disseram que sabiam pouco sobre essas contribuições, seus conhecimentos estavam voltados mais para a religião e a culinária.

A partir desse momento, comentamos sobre essas contribuições, realçando que elas fazem parte da nossa rica herança cultural. Para continuar a nossa conversa, levamos dois filmes *Belas Cidades Africanas*³³⁵ e *O Perigo de uma História Única*³³⁶, a fim de provocar uma reflexão sobre as heranças africanas e de desconstruir equívocos que temos sobre a África. Um deles é referir-se à África como um país e não um continente dividido politicamente em 56 nações. Outro equívoco é o olhar míope do colonizador, que propaga o continente apenas como um lugar exótico, tribal, onde prevalece a fome, a miséria, o sofrimento. É preciso apresentar aos estudantes o continente africano e a sua história, apontando, também, as suas belezas naturais, as edificações luxuosas, a riqueza cultural dos povos etc.

Após a exibição dos dois filmes, abrimos uma roda de debate para discutir sobre o conteúdo. Os estudantes, em alguns momentos, descreveram como a história do negro foi contada “pela metade”. Por meio de nossas intervenções, perceberam que nossos antepassados (africanos) trouxeram muitas contribuições positivas para a sociedade brasileira. A

³³⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qDovHZVdVWQ>>. Acesso em: 24-04-2016.

³³⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ohgWLRi1Mc>>. Acesso em: 26-04-2016.

maioria dos alunos achava que África era um país e nem imaginava que este continente tinha grandes riquezas arquitetônicas e foi berço da humanidade.

Além disso, esclarecemos que, infelizmente, por anos, as instituições de ensino trouxeram apenas a história do colonizador, ou seja, nossa história foi contada por um só ângulo. Nas instituições de ensino do Brasil, quase sempre, busca-se a valorização da cultura e dos saberes eurocêntricos, destituindo aquelas que não fazem parte deste contexto. Na produção de um texto³³⁷, um dos estudantes fez a seguinte reflexão:

As palavras africanas foram muito importantes na formação da língua portuguesa. Existem muitas palavras que utilizamos no dia a dia como: cafofo, cafuné, caçamba, capenga. [...] Antes achava que África e Brasil não tinham nada em comum, mas depois dessa aula, descobri muitas influências que a África tem no Brasil: manias, crenças, palavras, dança, modo de vida. Tem muita coisa aqui no Brasil que nem imaginamos que vieram da África. Eu sabia que a Europa tinha muitas influências no Brasil, mas não imaginava que a África também tinha. (E2)

Os estudantes, apesar de afrodescendentes, desconhecem as importantes contribuições africanas, sobretudo, nos aspectos linguísticos e culturais. Infelizmente apesar da implementação da lei 10.639/03 – na qual se exige que instituições de ensino trabalhem com conteúdos que abordem questões afro-brasileiras e indígenas, a fim de conduzi-los a um processo de reafirmação identitária e cultural – ficou-nos perceptível que tal lei não funciona como deveria. Os conteúdos que abordam os negros como principal elemento da formação cultural do país, geralmente, só são trazidos para a sala de aula em períodos comemorativos e de forma superficial.

3.5. Aula em 18/05/2016

Essa aula ocorreu após um período de paralização de duas semanas e, por esse motivo, nesse dia, fizemos uma breve revisão. Resumimos os assuntos que tínhamos trabalhado com eles, lembrando quais foram as línguas africanas que contribuíram na formação da nossa língua portuguesa, quem foram esses povos. Relembramos, também, as palavras estudadas até então.

³³⁷ Foi transcrito de acordo com o texto original e sem nenhuma intervenção das estagiárias em relação aos aspectos gramaticais. O que está sendo levado em conta é a construção do sentido.

Logo após, realizamos a “dinâmica do cordão”. Nesta brincadeira, o aluno segurava uma parte do cordão e jogava a ponta do mesmo para o colega, porém, antes de arremessar o cordão, o participante tinha de falar uma palavra de origem africana usual no português do Brasil. No final da brincadeira, formou-se uma “teia”, pois várias partes de um mesmo cordão se cruzaram. Houve diversas palavras verbalizadas por eles durante a dinâmica, a exemplo de “Exu”, “caçula”, “cafuné”, “vatapá” etc.

Terminado esse momento, partimos para uma reflexão. Ou seja, pedimos que os discentes observassem o cordão se cruzando a ponto de se transformar em uma espécie de teia. Lançamos, então, a seguinte pergunta: Como essa teia pode estar relacionada ao português do Brasil? Os alunos ficaram tímidos para responder. Sendo assim, começamos a falar da formação dessa língua e, por conseguinte, destacamos os fatores determinantes para os empréstimos linguísticos e de como esses empréstimos contribuíram no processo de emancipação linguística do português de Portugal.

Esclarecemos a esses estudantes que o português do Brasil também recebeu contribuições das línguas indígenas. Em 1500, quando os portugueses aportaram em terras brasileiras, havia por aqui centenas de povos indígenas que falavam também centenas de línguas diferentes e, atualmente, são mais de 190 línguas indígenas faladas em nosso país. (BAGNO & CARVALHO, 2014)

Continuando com a dinâmica do cordão, mostramos aos estudantes que, assim como várias partes de um cordão se cruzaram para formar aquela “teia”, o mesmo ocorreu com a nossa língua portuguesa. Isto é, línguas se “cruzaram” e se misturaram para a formação do nosso idioma, o português brasileiro.

Para finalizar, solicitamos que os educandos produzissem textos de acordo com a aula que ministramos nesse dia. As produções foram diversas, entre as quais, transcreveremos duas:

[...] Essas línguas que observamos estão totalmente ligadas com nosso cotidiano, nos fazendo chegar a conclusão que nossa língua é uma *mistura*. (E3, grifo nosso)

[...]

Muitas pessoas ainda têm certo preconceito por desconhecer uma cultura que devia nos ser ensinada desde os primórdios tempos, e que nós sempre precisamos nos aprofundar nesses assuntos. (E4)

Percebe-se, por meio dessas transcrições, um sentimento de pertença identitária e reconhecimento da sua raiz afro. Observa-se, também, o desejo de aprender mais sobre as culturas que lhes foram legadas por meio dessa “mistura” que resultou na formação do povo brasileiro e da sua língua.

3.6. Aula em 19/05/2016

Nesse dia, distribuímos o texto "A Criação do Reino de Ifé". Fizemos uma leitura silenciosa e abrimos uma roda de discussão, observando as palavras de origem africana e seus significados no contexto. Em seguida, solicitamos que os estudantes escrevessem um poema com as palavras observadas no texto lido. Dentre os poemas, chamou-nos atenção o seguinte:

Se um dia eu for a Ifé
Vou pesquisar sobre Olodumaré
Conhecer Odudúwá
Que é outro Orixá
Quem sabe descubro
Algo sobre Exu
Ser parente de Ogum... (E5)

Além de destacar as lexias de origem africana e produzir os poemas, os estudantes conheceram alguns mitos afro-brasileiros, aos quais tiveram acesso no livro de Vanda Machado e Carlos Petrovich (2004). Na escola, geralmente, só tinham acesso à mitologia grega, e de maneira muito superficial. Essa informação nos foi dada por um estudante, que afirmou só conhecer os mitos de Hércules e Atenas, desconhecendo a existência de mitos africanos e afro-brasileiros.

Notamos que uma das formas mais eficientes de ensinar o léxico de origem africana presente na língua portuguesa é por meio de textos afro-brasileiros, das literaturas orais e escritas. Encerramos a oficina com a sensação de ter contribuído no processo de ensino-aprendizagem desse léxico, tendo propiciado e vivenciado práticas que buscaram ampliar o acervo lexical dos estudantes.

4. Considerações finais

Como resultado, percebemos que a experiência de ensino-aprendizagem relatada viabilizou e potencializou um estudo eficiente do léxico

afro-brasileiro pelos estudantes e, conseqüentemente, contribuiu para a percepção e ampliação desse léxico no desenvolvimento das competências básicas da linguagem, a saber, a leitura e a produção de textos orais e escritos.

Nossa experiência aqui relatada não tem a pretensão de prescrever receita, nem ditar certezas ou algo do gênero. A partir das vivências narradas, pensamos ser possível engendrar articulações de novas práticas pedagógicas pautadas em valores do povo negro, lançando sobre esse povo um olhar mais atento à sua memória histórica na contemporaneidade, pois há urgência em construir, continuamente, conforme apontou Lise Mary Arruda Dourado (2014a), identidades espelhadas em um léxico vinculado à identidade negra, aos seus referenciais históricos, míticos, artísticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKMIN, Tania; PETTER, Margarida. Palavras da África no Brasil de ontem e de hoje. In: FIORIN, José Luiz; PETTER, Margarida. *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 145-178.

ANTUNES, Irlandé. *Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2012.

BRASIL. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana*. Brasília: MEC-SECAD/SEPP/INEP, 2005.

_____. Lei 10.639/03, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *D.O.U.* de 23 de dezembro de 1996.

_____. Ministério da Educação. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio, linguagens códigos e suas tecnologias*. Brasília: MEC, 2000.

CANCIONEIRO Popular Brasileiro. *Escravos de Jó*, [s/d.].

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005 [2001].

COROA, Maria Luiza. Para que serve um dicionário? In: CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia; BAGNO, Marcos. (Orgs.). *Dicionários escolares: políticas, formas e usos*. São Paulo: Parábola, 2011, p. 61-72

LOURADO, Lise Mary Arruda. *Fluências lexicais africanas e afro-brasileiras no processo de construção identitária dos estudantes da Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos*. 2014a. Tese (Doutorado). Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação, Salvador.

_____. *Projeto xirê de palavras*: círculo de vivências com palavras de origem africana orientadas pela contação de mitos afro-brasileiros em espaços de letramento de Alagoinhas. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação, Campus II. Licenciatura em Letras. Alagoinhas, Bahia: Núcleo de Pesquisa e Extensão, 2014b.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 38. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004 [1974].

KRIEGER, Maria da Graça. *Dicionário em sala de aula*: guia de estudos e exercícios. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.

_____. Termos técnico-científicos em minidicionários: problemas de inclusão e de definição. In: CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia; BAGNO, Marcos (Orgs.). *Dicionários escolares*: políticas, formas e usos. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 73-85.

LOPES, Nei. *Novo dicionário banto do Brasil*: contendo mais de 250 propostas etimológicas acolhidas pelo Dicionário Houaiss. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

MACHADO, Vanda; PETROVICH, Carlos. *Irê Ayó*: mitos afro-brasileiros. Salvador: Edufba, 2004.

MENDONÇA, Renato. *A influência africana no português do Brasil*. Prefácio de Rodolfo Garcia da Academia Brasileira de Letras. 2. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1935.

PASSEGGI, Maria da Conceição. (Org.). *Memórias, memoriais*: pesquisa e formação docentes Natal: Edufrn; São Paulo: Paulus, 2008, p. 43-58.

PEREIRA, Áurea da Silva. Portfólios e memoriais: dispositivos metodológicos no estágio de letras. In: PEREIRA, Áurea da Silva; VILELA, Marcos Antonio Maia. (Orgs.). *Letramentos no estágio supervisionado e formação de professores*. Salvador: Eduneb, 2013, p. 179-203.

SANTOS, Ester Paixão dos; RIBEIRO, Genicélia de Souza. *Portfólio de estágio supervisionado II*: oficina de léxico afro-brasileiro em produções orais e escritas. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação, Campus II. Licenciatura em Letras. Alagoinhas, 2016.